

## MEMÓRIA DAS CIDADES

edição dirigida por Henry Dougier

em um comitê internacional de historiadores:

Aurice Agulhon (Paris)	Jacques Le Goff (Paris)
Herbert Butterfield (Cambridge)	Claudio Magris (Trieste)
Will Durant (Chicago)	Carlos Martínez Shaw (Barcelona)
Hans Hergardt (Hamburgo)	Eliška N. Bokolo (Paris)
Henri Hirsch (Paris)	Jacques Revel (Paris)
	Rudolf Von Thadden (Göttingen)

supervisão da edição brasileira:

prof. Francisco José Calazans Falcon

professor do Departamento de História, IPCS/UFRJ

ex-professor titular do Departamento de História, UFF

### *Volumes iniciais da coleção:*

ESKOLA ULTRAMARINA

415-1580: A invenção do mundo  
e os navegadores portugueses

OLIFIM, SÉCULOS XII-XIII

Muçulmanos, cristãos e judeus:  
o saber e a tolerância

CONDRES, 1851-1901

A era vitoriana ou o triunfo  
das desigualdades

BERLIM, 1919-1933

Alta burguesia, crise social e avant-garde:  
a transformação extrema da modernidade

# Toledo, séculos XII-XIII

Muçulmanos, cristãos e judeus:  
o saber e a tolerância

Organizado por Louis Cardaillac

Tradução:  
Lucy Magalhães

Revisão técnica:  
Francisco José Calazans Falcon  
*em colaboração com*  
Nelma Garcia de Medeiros

Jorge Zahar Editor  
Rio de Janeiro

Anna Carter

# O refluxo do Islã espanhol

JEAN-PIERRE DEDIEU

*Potência regional dominante, a Castela de Afonso VI estende seu protorado ao conjunto da Espanha muçulmana e se apodera de Toledo em 1085. Durante mais de um século, a cidade será a fronteira da cristandade diante do Islã. O intercâmbio cultural se faz entre castelhanos, francos misturados aos conquistadores e muçulmanos renascentes.*

**D**esde o século VI, o mundo cristão do Ocidente se assemelha a uma fortaleza assediada. Política, demográfica e intelectualmente, encerrou-se em si mesmo. Por volta do ano 1000, inicia-se uma profunda renovação e manifesta-se, em todos os campos, um dinamismo fora do comum: reorganização dos Estados, ascensão do papado e das ordens religiosas, renascimento intelectual na Itália e na França. As fronteiras são progressivamente empurradas para o norte, para a Europa central, e, principalmente, para o sul e o leste mediterrâneos, à procura do ouro, mas também do saber — cultura antiga, contribuições árabes e orientais — necessário para alimentar o crescimento. Esse mundo cristão solícita e conquistista, oscila entre a guerra e o intercâmbio.

O contato entre os dois mundos é particularmente intenso na Espanha. É duradouro e não se reduz à guerra, mesmo no domínio político. A importância e a versatilidade dos jogos de aliança entre soberanos muçulmanos das *taifas* e soberanos cristãos são prova disso. Os dois lados, o muçulmano e o cristão, estão bem integrados a seus respectivos universos, e, conseqüentemente, aptos a servir de transmissores.

A tomada de Toledo, após um acordo ambíguo, que, entretanto, não deixava de ser um acordo, efetuada num clima de respeito relativo, é o símbolo dessa coexistência. Ela assinala também o confronto entre os dois mundos e a concorrência que os opõe: os muçulmanos são progressivamente expulsos da cidade; a reação almorávida, e depois a

almôada, separadas por um intervalo em que a convivência é retomada, bloqueiam o avanço cristão e fazem de Toledo, durante mais de um século, uma fronteira, um lugar de passagem obrigatória entre essas duas culturas. Conscientes desse fato, embriagados por sucessos militares que, isoladamente, foram impressionantes, os reis de Castela se proclamaram imperadores.

Em meados do século XIII, o Islã ocidental desmorona e, em alguns anos, perde Valência e a Andaluzia. O reino de Granada só subsiste, na realidade, como colônia genovesa.

\*

Fins de abril de 711, Tariq, general berbere enviado por Mussa, que governa a África do Norte em nome de Walid I, o longínquo califa de Damasco, sucessor do Profeta, desembarca em Algeciras. Dois meses depois, nas margens do Guadalquivir, aniquila o exército de Rodrigo, o último rei visigodo, que trata alguns dos seus. Tariq arremete contra Toledo, capital do reino, para saqueá-la. Apodera-se da cidade sem resistência, pois a maior parte de sua população a abandonara. O butim é considerável. Mussa, alertado, ocorre com reforços. Em cinco anos, a Espanha inteira cai nas mãos de um punhado de guerreiros muçulmanos, que dominam cerca de dois milhões e meio de cristãos. Pequenos grupos de refugiados resistem nas montanhas das Astúrias e na Galícia; existem bolsões de resistência nos países bascos, nos altos vales dos Pireneus. Mas nada disso pesa realmente.

1050. Já são mais de trezentos anos, e o país está inteiramente transformado. A Espanha é muçulmana; ou antes, os dois terços meridionais da Espanha, ao sul de uma linha que vai de Lisboa a Navarra. Ao norte, a Espanha fria, úmida, miserável, abandonada aos cristãos, que expedições periódicas — operações militares, policiais e saques — cercam nas montanhas; além de um vasto *no man's land* quase vazio, que garante a segurança de al-Andalus, a Espanha meridional, rica, povoada e culta. Entre as duas, uma fronteira militar, pontuada por cidades fortificadas: Badajoz, Toledo, Saragoça; duplicada por uma linha paralela que permite aos exércitos que sobem do Sul socorrer rapidamente qualquer ponto ameaçado.

Al-Andalus é antes de tudo uma civilização agrícola, uma agricultura rica, tecnicamente evoluída, em que a irrigação, a cultura de hortas e pomares parecem desempenhar um grande papel: é também uma civilização urbana, em que a tradição árabe devolveu a vida às cidades quase mortas dos visigodos: Córdoba, em primeira lugar, a capital, admirada pelos visitantes; Sevilha, a mercantil, Almería, Granada,

Valência, Saragoça e Toledo, reduzida a um papel secundário, mas que faz boa figura diante dos pobres burgos do país cristão... Al-Andalus é o comércio, com os francos, amantes do ouro e dos produtos de luxo, mas principalmente com Túnis, com Alexandria. Al-Andalus, enfim, para os cristãos do Norte, é a terra da prata e do ouro, onde circula o dinar, essa moeda que a Europa quase esqueceu.

Mas nem tudo são flores na Espanha muçulmana, a começar pela sociedade, que não tem homogeneidade. O Islã é tolerante. Não forçou os cristãos a se converterem. No país muçulmano, o clero exerce o seu ministério, os mosteiros funcionam, ensina-se teologia, especula-se sobre as relações entre o Pai e o Filho e o culto continua... sem poder se manifestar no domínio público, é verdade. Mas o estatuto jurídico do cristão o situa em estado de inferioridade acentuada: paga um imposto especial, não tem o direito de desposar uma muçulmana, e, ao menor sinal, é declarado convertido, sem possibilidade de voltar atrás.

Com algumas exceções, os postos de comando lhes são vetados. Assim sendo, as conversões são numerosas, e a comunidade cristã se enfraquece a cada dia. Está próximo o tempo em que os cristãos do Sul, presos entre o recrudescimento do fundamentalismo muçulmano e a investida de seus correligionários do Norte que os chamam, talvez com desprezo, de moçárabes, serão obrigados a renunciar à sua especificidade. Enquanto isso, sentem-se cada vez menos à vontade, e, quando podem, emigram para as terras cristãs.

Não se poderia dizer o mesmo dos judeus. São numerosos, sobreventes das perseguições visigóticas, ou imigrantes, vindos de toda parte, atraídos pela tolerância que se tem por eles e pelo desenvolvimento das cidades. Seu estatuto é próximo do dos cristãos e seu papel cresce na administração. Em certos Estados, no século XI, alguns desempenharão funções de verdadeiros primeiros-ministros.

O direito, e mais ainda a prática, situam o muçulmano no cume da pirâmide social. De fato, para retomar o título de uma obra célebre, "os árabes realmente invadiram a Espanha". Vieram em número muito maior do que se supunha, da longínqua Arábia e da África do Norte (faz-se ainda a distinção entre árabes e berberes). Os convertidos de origem cristã, que se situam em posição inferior à dos muçulmanos de nascimento, fizeram o resto. O Islã é majoritário. Mais ainda, a cultura é muçulmana: a organização social, os modelos familiares, os esquemas de pensamento são muçulmanos.

O árabe é a língua das ciências e das artes. Ciências e artes, desde o século X, brilham nas cortes e nas cidades. As artes plásticas, a arquitetura desenvolveram-se e oferecem monumentos que entraram

para o património universal, como a grande mesquita de Córdoba; a poesia, na mais pura tradição oriental, produz obras-primas. O pensamento especulativo tem um impulso notável nas escolas jurídicas, e também, sob o grande al-Hakam II, que reúne em Córdoba, na segunda metade do século X, uma magnífica biblioteca, as matemáticas e a astronomia.

Em meados do século XI, a bandeira será retomada pela Toledo do prestigioso al-Má'mun (1045-1077), que acolhe artistas e sábios expulsos de Córdoba pelo desmoronamento do califado. Al-Andalus faz realmente parte de um conjunto imenso, que se estende até o Indo, onde circulam os homens, as idéias e os livros, onde nunca se perdeu a lembrança das obras da Antiguidade e onde nunca se interrompeu a tradição da leitura. Nesse ponto, estamos a anos-luz da Europa cristã.

A essa Europa cristã al-Andalus negligenciou durante muito tempo. Fora preciso fazer um esforço para repelir os exércitos de Carlos Magno, que desceram até Saragoça e Barcelona, mas foram finalmente bloqueados, e retomou-se o essencial do terreno perdido. Durante muito tempo, foram um pouco mais incômodos os grupos guerreiros das Astúrias e da Galícia, que passaram progressivamente para o grande planalto do Norte. Ocupam Leão, sua capital, e Santiago de Compostela, onde afirmam ter achado o túmulo do apóstolo do mesmo nome; mas, há pouco, as incursões de Almanzor, o déspota de Córdoba (981-1002), devastaram suas aldeias e cidades.

Mas adquirem importância, pois al-Andalus se divide. Curiosamente, essa região sempre tivera dificuldades em adotar um regime estável. Durante quase cinqüenta anos, dependera de Damasco. Em 756, apresentou-se em Córdoba um príncipe vindo do Oriente, o último dos omíyadas, o último sobrevivente da família califal, massacrada e destronada num golpe de Estado sangrento. Ele ali se instalara, tomara o título de califa, e, a partir de então, a Espanha muçulmana se tornou independente. Mal ou bem, de revoltas de governadores a intrigas palacianas, ela sempre encontrara um homem de pulso para conservá-la unida, nem que fosse à custa de uma ditadura sanguinária.

Mas pouco depois do ano 1000, o ano 1000 dos cristãos, aconteceu o reparável: al-Andalus se fracionou em *taifas*, em principados independentes e rivais, permanentemente em conflito: Sevilha, Toledo, Saragoça, Valência, Granada, Badajoz, para falar das mais importantes, sem mencionar os Estados minúsculos que eram Huelva, Moron,

Arco, Rueda, Denia ou Lérida, cerca de vinte no total. Como não sofreria a alma dos verdadeiros crentes com essa escandalosa fragmentação?

Mais ainda, os cristãos aproveitavam-se disso. Também eles estavam divididos: os reinos de Leão, Castela (em torno de Burgos, esses dois muitas vezes unidos), Navarra (em torno de Pamplona), os condados catalães (pelo menos meia dúzia, mas dominados pelo conde de Barcelona), o pequeno reino de Aragão, em processo de constituição nos altos vales dos Pireneus centrais, invejavam-se ainda mais do que tinham os muçulmanos. Estendiam-se cada vez mais depressa.

Efetivamente, o aparecimento das *taifas* constituiu para eles um prêmio. Atraídos pelo ouro, eles que haviam praticamente abandonado o seu uso, seus soberanos puseram seus exércitos a serviço dos pequenos reis muçulmanos. Eles tinham enriquecido consideravelmente, e pouco a pouco tornaram-se ousados. Agora, faziam exigências. Não se podia mais a sua proteção: eles a impunham. Cobravam verdadeiros tributos, as *parias*, que arruinavam os príncipes de al-Andalus e seus povos. Ai de quem não pagasse! Uma incursão punitiva logo resolvia a questão: al-Má'mun em Toledo, al-Muktamid em Sevilha, o mais poderoso dos soberanos muçulmanos, viveram essa experiência. Em contrapartida, os cristãos cumpriam a palavra e protegiam seus clientes contra quem quer que fosse: aconteceram a seus exércitos afrontarem-se a serviço de dois príncipes muçulmanos rivais, ou até mesmo para proteger um muçulmano dos assaltos de um cristão.

As terras do Islã são um campo aberto aos aventureiros. Entre estes, estava o célebre o Cid, Rodrigo Díaz de Bivar. Nobre castelhana, nascido em Burgos, a serviço de Afonso VI, estava em missão em Sevilha para receber a *paria*, quando repeliu os exércitos de Granada, que atacavam a cidade, conduzidos pelo conde García Ordoñez, ele próprio castelhana. Caindo em desgraça em consequência de querelas políticas, foi, com uma tropa talvez composta, pelo menos em parte, de vassallos seus, trabalhar para o rei mouro de Saragoça, a mando de quem derrotou (as crônicas dizem que capturou) o conde de Barcelona. Dali, passou a Valência, onde vagueou durante anos, atacando uns, exigindo tributos de outros, protegendo Alcádir, o soberano da cidade, vassallo de Afonso, contra seus inimigos, tanto cristãos quanto muçulmanos.

Quando o rei de Castela, seu senhor, quis se apoderar do reino, o Cid considerou que ele era seu e respondeu devastando as terras do seu soberano, o que provocou a retirada precipitada deste. Com a

morte de AlcaDIR, tomou o seu lugar e reinou com justiça sobre mouros e cristãos, completamente independente. Morreu em 1099, e sua esposa, Ximena, assumiu sua sucessão. Foi expulsa do seu reino em 1102 por uma ofensiva dos almorávidas, mouros africanos, puritanos e pouco inclinados às concessões.

Através de múltiplos contatos, duas sociedades se interpenetraram. Milhares de nobres e de soldados cristãos vindos do Norte, amigos ou inimigos de acordo com as circunstâncias, viajam e permanecem em terra muçulmana. Aprendem a língua do outro, observam seus costumes e seus gostos. E também amam: Zaida, nora do rei de Sevilha, se refugiará, após sua viuvez, junto a Afonso VI; o rei de Castela, o conquistador de Toledo, a amará, ela se entregará a ele, e converterá por sua causa, e lhe dará o único filho que conseguirá sobreviver-lhe...

Foi Afonso, aliás, quem deu fim às *taifas*. Mais do que expulsar os mouros, queria passar à frente dos outros reis cristãos, segundo a pura tradição de Leão, que governava, temporariamente unido a Castela, e firmava ser o único sucessor dos visigodos. Tinha necessidade de dinheiro, sempre mais dinheiro, sempre mais *partias*. Quase todas as *taifas* lhe pagavam tributo. Sobre tudo, ele era aliado de AlcaDIR, então rei de Toledo, ameaçado por seus colegas de Sevilha e Saragoça, que cobravam seu território, e cujo trono vacilava, abalado pelo descontentamento de seus próprios súditos, oprimidos pelos impostos e humilhados pela onipotência dos cristãos. Uma revolta expulsara-o. Afonso propôs restabeleçê-lo no trono, enquanto AlcaDIR prometia deixar-lhe Toledo se os cristãos conquistassem para ele o reino de Valência.

Restava apenas sitiar a cidade e devastar o campo para submeter os habitantes. Isso levou alguns anos, pois não havia possibilidade de um assalto em regra. Toledo rendia-se a 6 de maio de 1085. A 25, Afonso entrava na cidade. Verdaderamente, ele merecia o título de "imperador de toda a Espanha", que há algum tempo a sua chancelaria lhe dava: reconquistara a velha capital dos visigodos; fora o primeiro a forçar a fronteira de al-Andalus; de todos os reis cristãos, era o maior, e quase todas os *taifas* se consideravam seus vassalos.

Fatrelante, muitos muçulmanos fugiram de Toledo. A comunidade muçulmana, talvez a mais numerosa da Espanha, se apoderara de uma parte dos bens dos emigrantes. A importante comunidade judaica, em seu bairro reservado, estava inteiramente ali. A capitulação era liberal: todos, inclusive os muçulmanos, conservavam os seus bens e sua religião; as mesquitas seriam respeitadas; os impostos mantidos em seu nível anterior. O rei apoderava-se das possessões do soberano deposto e dos bens agora sem dono.

Rapidamente, a cidade, inclusive os moçárabes, sentiu que fora conquistada. Emigrantes vindos do Norte, muitas vezes de além-Pireneus, ficaram no centro da cidade. A grande mesquita, por sua iniciativa, foi transformada em catedral. Os moçárabes foram privados do direito de eleger seu patriarca: impuseram-lhes um bispo francês, Bernardo de Cluny, e seu rito, o velho rito visigótico que, durante três séculos e meio, catalisara a sua resistência, tratado como "superstição toledana" pelos clérigos estrangeiros, foi limitada a seis igrejas, onde acabou desaparecendo. Bens consideráveis foram distribuídos aos recém-chegados. Afastou-se o moçárabe Sisnando, a quem Afonso confiara o governo da cidade. O rei entregava-a aos homens do Norte. Não é certo que ele estivesse inteiramente de acordo, mas tinha suas razões.

Na verdade, se os cristãos da Espanha estavam levando a melhor sobre os muçulmanos, eles o deviam em parte ao apoio que lhes oferecia uma Europa em plena renovação. De fato, desde o século X, as coisas se agitam além-Pireneus. Aqui e ali, os senhores reagrupam os habitantes, até então dispersos em aldeias, em grupos mais compactos, mais fáceis de controlar, mais fáceis de organizar. Concentram suas forças. Instala-se a organização paroquial, que servirá de estrutura para a vida quase até os dias atuais. O domínio do homem sobre o território se faz mais forte. A floresta recua, a população aumenta, e também a produção. O intercâmbio, que nunca cessara totalmente, retorna o seu vigor. O grande comércio renasce e as cidades reasumem a função econômica que quase haviam perdido no fim do império romano. As frota italianas disputam de novo aos muçulmanos o império dos mares.

A Igreja desperta. Os papas apresentam-se, pela primeira vez, como elementos éticos, aglutinadores e diretores do Ocidente, até acima dos imperadores. No ano da tomada de Toledo, morre Gregório VII, o papa de Canossa, que humilhara o imperador. Em pouco tempo, Urbano II (1088-1099) lançará as cruzadas, o excedente das forças vivas do Ocidente, contra Jerusalém: o espírito de cruzada afirma a unidade da Europa cristã.

A vida intelectual recomeça. Na Itália, no norte da França, nos monastérios, e depois nas escolas urbanas, grupos de clérigos estudam os textos que seus antecessores lhes legaram, comparam-nos, detectam suas divergências, tentam resolvê-las. Têm a impressão de estar o fio de uma tradição interrompida, de encontrar, de assimilar de novo uma cultura esquecida: "Somos antes empoleirados nos ombros de gigantes", dizia um deles. Deseje saber antigo, as bibliotecas da Europa só contêm vestígios. O Ocidente cristão está sedento de livros: vai

